



O repensar da indústria cultural no contexto da educação e da formação da sociedade

Clarides Henrich de Barba
Doutor, Universidade Federal de Rondônia
claridesbarba@gmail.com

Camila Felisberto Sousa
Licenciada em História, Universidade Federal de
Rondônia
cammilafelisberto@hotmail.com

Elizângela Mendes de Araújo
Licenciada em História, Universidade Federal de
Rondônia
mendeliza@live.com

Resumo: Este trabalho tem por objetivo discutir a teoria crítica baseada nas abordagens de Theodor Adorno e Max Horkheimer. O embasamento teórico é a Teoria Crítica da Escola de Frankfurt a respeito da Indústria Cultural diante da modernidade na visão crítica da sociedade. Encontram-se nesta pesquisa as seguintes obras: *Educação e Emancipação*, *Indústria Cultural*, sustentada nos conceitos da História. Propõe-se a mostrar a influência da indústria cultural na educação quanto nas relações pessoais cotidianas, partindo do pressuposto da cultura e suas interfaces com Economia e o próprio Estado, diante das funções sociais que permeiam a sociedade moderna. Agrega-se a essa condição histórica a constatação de que, em cada estágio de desenvolvimento, a sociedade capitalista privilegia a individualidade, representando um processo de indústria cultural. Deste modo, a educação poderá ter um papel de formação da consciência crítica, contribuindo para o desenvolvimento da criatividade, dos valores éticos, estéticos e da participação política em nossos ambientes educativos e sociais.

Palavras - chave: Educação. Teoria crítica. Indústria cultural. Dialética do esclarecimento.

Abstract: This work aims to discuss critical theory based on the approaches of Theodor Adorno and Max Horkheimer. The theoretical basis is the Critical Theory of the Frankfurt School about the Cultural Industry in the face of modernity in critical view of society. Are in this research the following works: *Education and Empowerment*, *Cultural Industry*, supported the concepts of history. It is proposed to show the influence of the cultural industry in education as in everyday personal relationships, based on the culture of assumption and its interfaces with economics and the state itself, given the social functions that permeate modern society. It adds to this historical condition the realization that, at each stage of development, capitalist society emphasizes individuality, representing a cultural industry process. In this way, education can play a role of critical awareness training, contributing to the development of creativity, ethical, aesthetic values and political participation in our educational and social environments.

Key words: Education. Critical Theory. Cultural industry. Dialectic of clarification.

“A idéia de que o mundo quer ser enganado tornou-se mais verdadeira do que, sem dúvida, jamais pretendeu ser” (ADORNO, 1985, p. 96).

1 INTRODUÇÃO



Em 1925 nasceu a Teoria Crítica inaugurada pela escola de Frankfurt, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Jurgen Habermas. Esses teóricos dedicaram suas pesquisas e publicações a temáticas como sociologia, filosofia da história, estética, economia e filosofia da ciência, tendo como objetivo, realizar uma crítica ampla e profunda das estruturas epistemológicas contemporâneas e da organização da sociedade, incluindo análises sobre o capitalismo no século XX, a situação dos trabalhadores, a estrutura familiar na sociedade, estudos sobre música contemporânea, literatura ocidental e indústria cultural.

Neste trabalho analisaremos apenas as primeiras discussões filosóficas de Adorno e Horkheimer, que são mais aproximadas entre si, principalmente com a publicação da *Dialética do Esclarecimento* (1944), motivado pela perseguição político-ideológica e racial perpetuada pelo regime nazista na década anterior.

A teoria crítica se apresenta numa perspectiva educacional desenvolvida nos seus pressupostos filosóficos e se fundamenta no contexto histórico

2 A Escola de Frankfurt e o surgimento da teoria crítica

A teoria crítica foi inaugurada pela Escola de Frankfurt em 1925, representada por Max Horkheimer, Theodor Adorno, Herbert Marcuse, Walter Benjamin, Erich Fromm e Jürgen Habermas.

A Escola de Frankfurt nasceu em 1923 e baseia-se na concepção hegeliano- marxista, bem como está fortalecida pelas contribuições da Psicanálise de Freud com o objetivo da formação da teoria crítica. O idealismo alemão, sobretudo em Kant, Hegel e o materialismo dialético de Marx contribuíram para o surgimento da Escola de Frankfurt.¹

Na história do ocidente, através da razão, o humano teve como condição de seu guia, o pensamento racional como forma de buscar o objetivo de esclarecer sua analogia mediante a natureza desconhecida.

¹ A respeito da Escola de Frankfurt ver as obras de MATOS, Olgária C. F: A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993 e Filosofia: a polifonia da razão: filosofia e educação. São Paulo: Editora Scipione, 1997.



Assim, Theodor Adorno (1903-1969) e Max Horkheimer (1895-1973) apresentam a teoria crítica como ferramenta que analisa os problemas sociais evidenciados pela cultura de massa, o papel da ciência e da técnica, os sentidos implícitos na modernização dos meios de comunicação, dentre eles, a escola, a educação, as teorias, os métodos e a formação e a deformação da consciência crítica na sociedade.

Contudo, é Theodor Adorno é o precursor que influenciou e contribuiu para o desenvolvimento da Teoria Crítica nos vários países da Europa. Dos diversos temas questionados na Escola de Frankfurt alguns se encontram destacados quando relacionados à teoria crítica: o autoritarismo, o totalitarismo encontrado mais fortemente em alguns países, a cultura de massa, o papel da ciência e da técnica, os sentidos implícitos na modernização dos meios de comunicação, a escola - a educação – as teorias, os métodos e a formação e deformação da consciência crítica na sociedade.

Goergen (2005, p. 18) compreende que é importante para refletir criticamente a modernidade, e como tal, a efetivação do ser e do conhecer:

Para os modernos, segundo Adorno e Horkheimer, a superioridade do homem consiste na sua capacidade de saber. Porém, a tentativa de desencantar o mundo, de dissolver os mitos e substituir a imaginação pela razão transformou-se aos poucos, num poder que já não conhece barreiras, nem limites, que não detém nem ante a destruição da natureza, da escravização da criatura, ou da manipulação do próprio ser humano.

Dentro da Escola de Frankfurt, Adorno analisa enfaticamente a crise da formação, ou seja, pensa criticamente a crise do processo formativo para demonstrar a crise social que a sociedade moderna vive. Assim, se a sociedade modernizar-se se exaurindo da visão crítica, então ela se permite alienar e, portanto entra em uma crise não só social (a busca pelo ter), mas crise de formação (deixar de ser).

3 O Esclarecimento que não encerra em ideologias

Adorno e Horkheimer (1985), na “Dialética do Esclarecimento” analisam e questionam o desenvolvimento da sociedade ocidental, tendo como objetivo estender a sua dialética aos conceitos de libertação e iluminação os quais sempre propagaram os pensadores



iluministas, com o conceito de dominação. Assim, o uso destas análises na realidade da sociedade atual mostra que o consumidor não é rei, como a indústria cultural gostaria de fazer crer, ele não é o sujeito dessa indústria, mas seu objeto (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p.93).

Na expressão “*Aufklärung*” (esclarecimento), Adorno (1995, p. 20) afirma que “no sentido mais amplo do progresso do pensamento, o esclarecimento tem perseguido sempre o objetivo de livrar os homens do medo e investi-los na posição de senhores”.

Leo Maar (1995) aborda as questões globais, e as discute diante dos acontecimentos do passado para lembrar a sociedade de hoje que está relacionada com as diferenças entre países e ao mesmo tempo em que aponta os problemas sócio-econômicos, políticos ou educacionais. Em contraste, encontramos o mundo inteiro com uma semelhança comum, onde os problemas se iniciam desde a mais tenra base da educação, os problemas sociais de países subdesenvolvidos estão na forma com que eles se dão a um sistema educacional de sociedade, pautado em ideologias; e a semelhança não se detém somente a este ponto, pois há outro que se pode sublinhar: é o problema da modernização, da amnésia que deturpa as pessoas (elas caem no esquecimento e aí permanecem algumas à vida inteira) ao deixá-las prezas em ideais que nem mesmo os pertencem, se alienam, tornam monótonas, seres inertes, deturpados pelo encanto da modernidade, enfim todos se esqueceram do que fez Hitler e seus seguidores à Alemanha. O mundo clama por tecnologia e pela “globalização”:

O que dizer, por exemplo, de um mundo em que a fome é avassaladora, quando a partir de um ponto de vista científico-técnico já poderia ter sido eliminada? Ou, o inverso: *como pode um mundo tão desenvolvido cientificamente apresentar tanta miséria?* Este é o problema central, insiste o nosso autor: o confronto com as formas sociais que se sobrepõem às soluções “racionalis”. **O problema maior é julgar-se esclarecido sem sê-lo, sem dar-se conta da falsidade de sua própria condição.** Assim como o desenvolvimento científico não conduz necessariamente à emancipação, por encontra-se vinculado a uma determinada formação social, também acontece com o desenvolvimento no plano educacional. Como pôde um país tão culto e educado como a Alemanha de Goethe desembocar na barbárie nazista de Hitler? **Caminho tradicional para a autonomia, a formação cultural pode conduzir ao contrário da emancipação, à barbárie.** O nazismo constituiria o exemplo acabado deste componente de dominação da educação, resultado necessário e não acidental do processo de desenvolvimento da sociedade em suas bases materiais (LEO MAAR, 1995, p. 15, grifo nosso).



É neste sentido que Adorno e outros pensadores da Escola de Frankfurt se questionam: “Porque modernizar, pra quê?”. Assim, a postura da modernização reflete as condições sociais que traz os mesmos benefícios, em que a modernidade chega positivamente para uma classe em detrimento de outras. É esse o ponto chave para se pensar e esclarecer que a dialética do esclarecimento, posteriormente desenvolvida nesse meio de euforia da sociedade em querer se apossar dos meios de comunicação e deixar de lado sua autonomia, a crítica, a análise de que “benefícios são esses que a globalização traz” é que se encontram os graves riscos de todos se tornarem “as massas” perderem seus valores individuais, seus sentidos e assim passam de seres pensantes, autônomos, sem suas subjetividades para ser então massa de manobra.

Assim, Adorno acredita que a cultura da sociedade capitalista, considerada como um mecanismo de poder sobre a individualidade em que o indivíduo perde a capacidade de pensar e agir por conta própria e, por conseguinte, de ser solidário e respeitar o próximo. Essa alienação pode ser explicada como uma situação grave como uma barbárie em que se apresenta na sociedade como um mecanismo de manipulação

Bornheim (1985, p. 21) afirma a este respeito que “Os processos de manipulação, que tudo pretendem pôs a serviço do homem, encontrem a sua situação limite – o que já vem se verificando em muitos setores na destruição da natureza”. Percebe-se que as ações políticas estabelecidas ao longo do capitalismo através da Revolução Industrial proporcionaram o fortalecimento do Estado perante a sociedade estabelecida pelos valores econômicos apresentados pelas condições de rentabilidade e acúmulo do capital.

Hoje, graças ao desenvolvimento da técnica nos meios de comunicação o sistema ganhou mais densidade e articulação, aprimorando aqueles ramos tradicionais transformando-os em aparatos mais poderosos. Os programas de televisão são hoje meios de uniformização, as novelas e os ditos jornais “informativos” acabaram por transformar a maior parte da população em ouvintes pacientes e sensíveis aos imperativos da indústria cultural. As ações destes instrumentos tecnológicos na população geraram seres humanos frios, turbinados pelos motores das possantes máquinas, impulsionados ao infinito pela velocidade das informações, navegantes indefesos pelos mares agitados e sedutores da internet. Assim, as obras de arte hoje são tidas como mercadorias, como também certos tipos de música que vendem produtos



alienantes. Vê-se que a tecnologia hoje condiciona o modo de pensar, sentir, raciocinar e relacionar das pessoas (PUCCI, 1995, p. 13).

4 Indústria Cultural e o contexto educativo

A Educação possui como objetivo o de desenvolver a consciência para que ela se torne emancipatória. Os frankfurtianos entenderam que a emancipação é necessária para a formação de sujeitos críticos que se apresentam diante da história, da cultura e da natureza.

Adorno na sua obra “*Educação e emancipação*” (1995, p. 121) afirma que “a educação tem sido unicamente como educação dirigida a uma auto-reflexão crítica” voltado para a construção da consciência emancipatória do sujeito para a construção das identidades sociais. Em seu caráter filosófico, a educação pertence à transformação do saber, compreendida por Adorno pela dialética do esclarecimento como um fator fundamental para a efetivação da consciência no mundo, pois, o controle e a manipulação impedem o homem de pensar, tornando assim, alvo de uma massificação contínua do ter sobre o ser.

Tanto Adorno como o seu amigo Becker trataram da temática televisiva como veículo de ideologias e como meio de comunicação deformador da formação, ou seja, eles a negativaram no sentido de ser ilícita quanto à educação, ela inibe, portanto a emancipação. A educação possui como significado o esclarecimento e permite que a consciência torne-se emancipatória diante dos saberes locais.² Dessa forma, os frankfurtianos entenderam que a emancipação é necessária para a formação dos sujeitos diante da história, da cultura e da natureza.

É justamente nesse conjunto de análises que Adorno situa-se como o estimulador das intervenções na temática educacional dentro do complexo contexto social formativo. Para Adorno é fundamental obter a experiência formativa, no sentido de que essa experiência traz ao leitor ou ouvinte uma experiência ao objeto focalizado, assim numa espécie de experimentação ter se à, portanto um despertar da autonomia, da subjetividade em relação à sociedade à objetividade. Este processo ocorre na educação, na formação de um pensamento

² O que não pode existir é a cegueira e o caráter manipulativo da Educação aos alunos, ou seja, a ausência no cuidado educativo, pois esta ausência faz com que o “corpo dos alunos torne-se dócil”, expressão esta que representa a consciência que é manipulada e controlada (ADORNO, 1995) sendo necessário à construção da autonomia do sujeito.



crítico, de pessoas autônomas, de subjetividades expressas tornando-se personagens cegos, meros objetos materiais que se anulam como sujeitos de motivação própria.

Pucci (1995, p. 48) entende que “a auto-reflexão crítica para os frankfurtianos representa um elemento fundamental na luta pela emancipação”. Nesse caso, a teoria crítica direcionada a educação possibilita uma reflexão enquanto uma prática educativa no desenvolvimento da consciência na modernidade, efetivando o ser pela ética e estética, o conhecer pela epistemologia e o agir na política. Através do esclarecimento, a emancipação do ser deve promover a desbarbarização da vida humana na promoção dos valores sociais, culturais ao educando e ao educador

Para Adorno (1995, p. 137) a educação não pode produzir o medo e a barbárie, pois “o centro de toda educação política deveria ser que *Auschwitz* não se repita mais”, e desse modo, a consciência é estabelecida no seio da vida possibilitando a formação dos valores, da aprendizagem e da participação política dos educandos enquanto seres humanos comprometidos com a vida e com a sociedade.

Assim, o poder efetivo contra a repetição é a de que *Auschwitz*, enquanto um campo de concentração nazista foi a de que a barbárie exerceu um poder de coisificar, alienar e matar seres humanos, judeus e negros. A repetição autoritária no ensino é de que venha a prejudicar os mesmos na aprendizagem, e, portanto o caminho é o inverso, ou seja, de levá-los a pensar para a auto-reflexão e autodeterminação, de forma a resistir ao poder cego de brutalidade e violência que não são justificadas na sociedade. Nesse contexto, as mudanças e os pressupostos que estavam presentes em *Auschwitz* foram determinantes e limitados por fatores políticos e sociais.

Ele propõe uma educação para a auto-consciência crítica possibilitando uma formação pedagógica voltada para a compreensão da realidade. Trata-se, pois, de repensar a dialética e a educação perante a história da consciência humana, onde a condição do ser humano é promover a formação da consciência reflexiva. Entende que a educação na sociedade assume um direcionamento histórico no contexto cultural e social livre da barbárie no debate acerca de questões da relação entre sociedade e escola. Propõe uma educação para a auto-consciência crítica possibilitando uma formação pedagógica voltada para a realidade.



Trata-se, pois, de repensar a dialética e a educação perante a história da consciência humana, onde a condição do ser humano é promover a formação da consciência reflexiva. Ele entende que a educação na sociedade assume um direcionamento histórico no contexto cultural e social livre da barbárie no debate acerca de questões da relação entre sociedade e escola.

Pucci (1995, p. 48) compreende que “a auto-reflexão crítica para os frankfurtianos representa um elemento fundamental na luta pela emancipação”. E, nesse caso, a teoria crítica compreende que o controle e a manipulação impedem o homem de pensar diante de uma massificação contínua do ter sobre o ser. Esta reflexão permite uma reflexão a respeito de uma prática educativa no que permita pensar a consciência na modernidade, efetivando o ser pela ética e estética, o conhecer pela epistemologia e o agir na política. O Esclarecimento, a emancipação do ser deve promover a desbarbarização da vida humana na promoção dos valores sociais, culturais ao educando e ao educador.

A sociedade totalitária envolve-se de tal modo que se justifica pela forma em que se precisa vir uma compensação que representa a idéia de servir em qualquer situação que implique a subserviência e como tal representa a idéia de que a indústria cultural poderá provocar a alienação. Nesse aspecto, é importante a análise feita por Santiago (2005, p. 121):

A educação perderá sem dúvida se utópica e ingenuamente quiser trombar de frente com o mundo administrado da barbárie de escritório e burocratizada, mas sempre terá uma chance caso volte-se para o indivíduo. Dificilmente o ensino reverterá os passos da civilização que em simultâneo progride e regride, sempre poderá, todavia combater no indivíduo a suscetibilidade a essa barbárie. Nunca haverá inteira garantia contra o recrudescimento dos campos de concentração, a cicatriz de Auschwitz não desaparecerá jamais, os educadores poderiam, contudo educar de modo tal que tais campos, se reaparecidos, não mais dispusessem, ao menos não com tanta facilidade, de algozes nem sentinelas.

A afirmativa acima representa a luta da educação contra a barbárie, o que significa que a luta contra violência, a favor de uma sociedade mais justa e mais esclarecida é um dever de todos os educadores e educandos, bem como do Estado e da nação. Deste modo, a educação passa a assumir um aspecto ainda mais relevante pois conduz à auto-reflexão crítica, centrada na primeira infância.

Vilela (2007, p. 239) entende a este respeito que:



Assim, as contribuições de Adorno parecem ser adequadas para amparar ações pedagógicas que almejem: realizar uma escolarização bem sucedida; formular currículos que contemplem as diferenças socioculturais; reconsiderar o sentido das diferenças, para que estas não se convertam em desigualdades e injustiças. As reflexões acerca do papel da escola, tendo como base o que Adorno pensou e defendeu para a Educação, podem auxiliar a conduzir a ação pedagógica na perspectiva de uma política curricular, assentada no compromisso com empreendimentos, voltados para a construção de saberes que combinem a formação humana e o reconhecimento das diferenças, como condição para uma vida social pautada pelo princípio da inclusão.

A Educação na visão de Adorno deve proporcionar uma reflexão crítica diante da realidade histórica e social envolvendo a relação do homem com a natureza. Entende-se, pois, desse modo que os saberes educativos e culturais devem ser vistos na condição que envolve educador e educação na busca pela emancipação pelo saber.

Leo Maar (1995, p. 11) afirma que:

A educação não é necessariamente um fator de emancipação. Numa época em que a educação, ciência e tecnologia se apresentam – agora “globalmente”, conforme a moda em voga – como passaportes para um mundo “moderno” conforme os ideais de humanização, estas considerações de Theodor W. Adorno; podem soar como um melancólico desânimo.

O fator de educação não pode mais ser compreendido apenas como um pressuposto determinado pela ciência ou pela tecnologia, mas deve ser pensado de uma forma emancipatória, humanizada em que as relações coletivas passam a compor um processo de instrumento crítico diante da sociedade.

A compreensão destas relações entre a educação e a Indústria Cultural, demanda considerar as interações dos meios de comunicação de massa na sociedade contemporânea. A relação entre a televisão e o indivíduo trata-se de uma proximidade simulada, ali o indivíduo estaria rodeado de imagens, e, portanto só. O que se vê é maravilhoso, porém fracionado. Por mais que os personagens exibidos na tela do cinema e/ou da televisão se assemelhem aos telespectadores, há uma distância quase intransponível que os separa (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p, 136). A perfeita semelhança é a diferença absoluta, a Indústria cultural gera homens como seres genéricos cada um é tão-somente mediante o qual pode substituir todos os outros, ele é um mero exemplar. O indivíduo é absolutamente substituível, um puro nada, e é isso que ele passa a perceber quando com o tempo perde a semelhança.



Deste modo, a existência de um imperativo da sociedade tecnológica leva ao ser humano adaptar-se sem especificar a que coisa; adaptar-se como reflexo da potência e onipresença do existente, mediante o processo ideológico da indústria cultural. Nela, tudo se torna uma mercadoria, como o cinema, as revistas, o entretenimento, a publicidade, a arte, a educação (ADORNO E HORKHEIMER, 1985, p. 133).

O ensino escolar pode impedir a formação de indivíduos autônomos, independentes, incapazes de julgar e de decidir conscientemente, e por consequência, incapazes de constituir uma sociedade democrática. A interferência da indústria cultural, da mesma maneira que submete a liberdade e a atividade do sujeito pensante, despotencializa sua capacidade de perceber e sentir, gerando nele o conformismo, a adaptação, a regressão de seus sentidos. Os filmes já não deixam mais tempo à fantasia e ao sonho. E, o fato de existir cinemas nos Shoppings, é uma estratégia de compra e venda dos produtos da Indústria Cultural presente nas lojas, supermercado on-line, pois as redes de comunicação determinam que sejamos alienados.

É possível notar que a informatização do trabalho incidiu diretamente nas relações entre as pessoas. O adensamento das atividades, em alguns casos, provoca um aumento de atribuições e de contatos pessoais para o trabalhador, em outros, reduz a um único tipo de operação isolada. Essas condições, agregadas ao fechamento de inúmeros postos de trabalho – fato esse que tem resultado no acirramento das tensões e da competição –, diminuem as relações interpessoais e fortalecem o individualismo. O diálogo, pessoalmente estabelecido, tem sido substituído pela comunicação efetuada através de vídeos, seja de televisão ou do computador. Ao invés das comunicações informais existentes entre os trabalhadores, a dependência pelos computadores e painéis de controle, ou seja, em outros parâmetros; parece haver uma transição de uma comunicação interpessoal para uma comunicação impessoal, mediada pela máquina.

Partindo pelo ponto de vista do sistema, as escolas hoje são plenamente educativas. Caminhando pelo pressuposto da Teoria Crítica, a indústria cultural é marcadamente deformativa e redutora de autonomia. A indústria cultural tem por objetivo proporcionar a dependência e a servidão dos homens, seu efeito imediato é uma “antidesmistificação” ou um



“antiiluminismo”. Assim a pregação de ideologias nas escolas hoje em dia torna-se quase supérflua, desnecessária, sendo considerada como um instrumento alienador (ZUIN, 2006).

Neste contexto, a indústria cultural passa pela idéia de uma felicidade que está presente por meio do encantamento do assistencialismo que ocorre no interior das escolas com a repetição do trabalho, como o consumo realizado pelos alunos. Assim, a escola deve ter responsabilidades em abrir os olhos dos alunos oferecendo a eles, o poder de pensar e de desmistificar a idéia de um consumo exagerado e excessivo. Nesse caso, especificamente, a cultura de massa aproveita da necessidade e da realidade humana e passa a utilizar os meios de comunicação para transformar em entretenimento as obras de pensamento

Visto que a destruição dos fatos, acontecimento e obras segue a lógica do consumo, da futilidade, da banalização e do simulacro, não espanta que tudo se reduza, ao fim e ao cabo, a uma questão pessoal de preferência, gosto, predileção, aversão, sentimentos. É isto o mercado cultural. (CHAUI, 2006, p. 22)

A conseqüência da lógica dominadora a respeito dos simulacros e do gosto que espanta, mas também atrai os alunos, como o uso do celular, do tablet nas redes sociais e nos uso do dia a dia, torna os alunos mais consumistas e utilitários, dominadores e, muitas vezes felizes, mas alienados. Evidencia-se, assim, o papel da Escola e dos professores em oferecer condições para tornar a aula mais agradável, como por exemplo, na leitura da vida, integrante no seu conhecimento.

Contudo, ao deparar-se com a indústria cultural na educação nos deparamos com os elementos mais engenhosos e críticos que resultam das percepções que evidenciam a realidade cultural, denominada de indústria cultural em que se destaca a informação, a mídia, enfim o conhecimento que deveria ser crítico, mas não o é. Assim, a educação e o processo educativo evidenciam a realidade racional em que permeiam a individualidade e alienação.

Outro exemplo de indústria cultural pode-se observar as pedagogias das revistas femininas que representação o status de “aprender a ser mulher”. Esta alusão ao consumismo na sociedade contemporânea aponta para os programas de rádio e TV, nos jornais, nas revistas femininas e masculinas, dentre outros meios, uma proliferação de fala de especialistas, destinadas a “ensinar” a todos e a cada um sobre como se comportar, vestir, usar o corpo, emagrecer, seduzir, amar, cuidar dos filhos, relacionar-se com os outros, afastarem-se do

Rev. Igarapé, Porto Velho (RO), v.1, n.5, p. 54- 67, 2015



estresse, administrar carreiras profissionais, enfim, viver de maneira ajustada e integrada na sociedade contemporânea .

O exercício de reflexão aqui analisado se baseará no uso da imagem feminina como um veículo da indústria cultural para o enquadramento nos parâmetros de uma normalidade social. Assim, no universo simbólico das propagandas de revistas femininas, em especial as propagandas de perfume, pode-se analisar que o enfoque em geral não está no perfume, mas, no corpo, no olhar e na postura da mulher, assim, parece que vender perfume para mulheres é algo mais que vender perfume. É como se, por similaridade a mulher na foto exalasse a fragrância, como se deixasse implícito que sua beleza e sua sensualidade advêm do uso do perfume (VIEIRA, 2006).

O alcance dos meios de comunicação reflete o corpo das celebridades e o papel da mídia está representado pela constituição bio-psicosocial, onde se constitui as realidades diferentes dos sujeitos em sua mais variadas formas e contatos que se operam em uma realidade pertencente às pessoas que aparentam ser perfeitas e sem dificuldades, como os astros de cinema ou as celebridades da televisão. (VIEIRA, 2006).

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Em tempos nos quais a escola se converteu ao negócio da indústria cultural em pleno processo de expansão e em fase de reestruturação das relações de produção, parece um grande desafio romper com o pensamento único e o consenso estabelecido pela disciplinarização homogênea ditada pelo mercado. Na história concreta dos sujeitos, mais do que nunca cabe à escola desvelar e difundir programaticamente as resistências expressas de distintas formas, que no momento oferecem alternativas ao estabelecimento decorrente da indústria cultural. Para tanto, os professores devem estar capacitados para lançar mão, inclusive, dos próprios recursos da indústria cultural para possibilitar que as novas gerações venham a recriar as relações entre economia e cultura.

A indústria cultural na educação faz parte de um complexo aparato que envolve a realidade do educando na Escola, e como tal representa os desafios para a transformação do ser humano. Contudo, para se livrar das amarras do capitalismo e da sua indústria cultural é



preciso que o processo educativo tenha presente a formação da consciência dos educandos, fortalecendo os valores da ética, da dignidade humana.

Assim, mesmo no esforço que se identifica pela forma de pensar e do agir dentro de uma análise do consciente e do inconsciente, a representação da complexidade social que permeia a indústria cultural pode ser analisada pelo viés da consciência. Esta sem dúvida representa o alicerce de uma vida de um povo que pode ser analisada pela dinâmica da consciência crítica ou da sua alienação.

Acreditamos, ainda, que a teoria crítica pode ser o caminho para o desenvolvimento da consciência no processo educativo em que desempenha um papel fundamental para que se desenvolva o processo educativo de uma melhor forma. Neste caso, é possível combater a falsa consciência como algo do próprio veneno imposto em seu cotidiano da vida escolar e na sociedade. De antemão, resta ver, o quanto a sociedade capitalista poderá enxergar a realidade e poder mudar o seu próprio ritmo de destruição.

Portanto, entendemos que a educação por meio da teoria crítica poderá apontar caminhos, embora não muito fáceis, como o de mostrar que existe uma consciência livre e transformadora que poderá ascender a práxis educativa em sua essência.

REFERÊNCIAS

ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

ADORNO, T. W., HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**. Trad. Guido de Almeida. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

CAMPOS, Eliane Vargas de. **Ensina-me a ser uma mulher nova**. Canoas, 2011, 151 f. (Mestrado em Educação). Universidade Luterana Do Brasil. Pós-Graduação em Educação, 2011. Disponível em: <<http://www.ulbra.br/ppgedu/files/newresumo132.pdf>>. Acesso em 18 jun. 2012.

CHAUÍ, Marilena. Simulacro e poder: Uma análise da Mídia. São Paulo: Editora Fundação Perseu Abramo, 2006. GOERGEN, Pedro. **Pós-modernidade, ética e educação**. 2. ed. São Paulo: Autores associados, 2005.



LEO MAAR, Wolfgang. À guisa de Introdução: Adorno e a Experiência formativa. In: ADORNO, Theodor. **Educação e Emancipação**. Trad. de Wolfgang Leo Maar. 2. ed. Rio de Janeiro. Paz e Terra, 1995.

MATOS, Olgária C. F: A Escola de Frankfurt: luzes e sombras do Iluminismo. São Paulo: Moderna, 1993.

PUCCI, Bruno. Teoria Crítica e educação. In: PUCCI, Bruno (org.) **Teoria crítica e educação**: a questão da formação cultural da Escola de Frankfurt. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, São Carlos: EDUFSCar, RJ, 1995, p. 11-58.

SANTIAGO, Homero. Adorno, Auschwitz e a esperança na educação. **Cadernos de Ética e Filosofia Política 6**, São Paulo, USP, 1/2005, p. 111-122. Disponível em: <<http://www.fflch.usp.br/df/cefp/Cefp6/santiago.pdf>>. Acesso em: 20 jun. 2012.

VIEIRA, Karine Magalhães Fernandes. **O corpo da mulher em correção: subjetividade e cirurgia estética**. 2006, 142 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia). Fundação Edson Queiroz universidade de Fortaleza – UNIFOR, Centro de Ciências Humanas – CCH, 2006. Disponível em <<http://www.google.com.br/url>>. Acesso em 18 jun. 2012.

VILELA, Rita Teixeira Amelia. Críticas e possibilidades da educação e da escola na contemporaneidade: lições de Theodor Adorno para o currículo. **Educação em Revista**, Belo Horizonte, v. 45, p. 223-248, jun. 2007. Disponível em <http://www.somaticaeducar.com.br/arquivo/artigo/1-2008-08-18-10-53-11.pdf>. Acesso em 20 maio 2012.

ZUIN, Antonio Álvaro Soares. A vingança do fetiche: reflexões sobre indústria cultural, educação pela dureza e vício. **Educ. Soc.**, Campinas, vol. 27, n. 94, p. 71-90, jan./abr. 2006, Disponível em: < <http://www.cedes.unicamp.br>>. Acesso em 18 jun. 2012.